

O PROFESSOR, AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E OS “ERROS”: O QUE FALTA PARA UMA PEDAGOGIA SOCIOLINGUISTICAMENTE SENSÍVEL?

Ivonaldo Leidson Barbosa Lima*
Ana Carla Estellita Vogeley**

RESUMO

As produções dos alunos, tanto na modalidade oral, como na modalidade escrita, estão sujeitas a desviar do padrão ensinado em sala de aula, seja por interferência de variações, dificuldades ou mesmo desvios. Este estudo investigou a frequência dos “erros” na fala e na escrita dos alunos bem como os professores lidam com esses erros. Questiona-se, ainda, se as metodologias de ensino são devidamente sensíveis aos aspectos sociolinguísticos e se o fonoaudiólogo está efetivamente inserido no contexto educacional, visando um maior aperfeiçoamento comunicativo em ambas as modalidades, potencializando as habilidades linguísticas dos alunos e instrumentalizando e assessorando a equipe escolar, o que inclui o professor.

Palavras-chave: “erros”; professores; metodologias de ensino.

INTRODUÇÃO

As práticas pedagógicas de ensino de Língua Materna não se renovaram no mesmo ritmo que o desenvolvimento da nossa sociedade e de suas peculiaridades, ou seja, o ensino das normas da gramática prescritiva, “da forma culta”, continua a ser abordado durante todo o processo educacional do Ensino Básico tornando nossa língua mecânica e descontextualizada e não voltada às práticas sociais que são permeadas por ela, tanto na modalidade oral quanto na escrita. E, é comum que os professores tomem esse modelo como critério de “normalidade”. Isso porque, tradicionalmente, adotam o binômio dicotômico entre certo e errado como referência ou parâmetro no ensino e na avaliação.

Algo que, muitas vezes, não é considerado neste ciclo educacional é o conteúdo linguístico e cultural que o aluno traz consigo de sua comunidade e o expõe desde primeiros momentos na escola. Esta exposição, nesses casos, é negligenciada, discriminada e/ou caracterizada como “erro” pelo professor, mas isto

* Discente do Curso de Graduação de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Email: ivonaldo_leidson@gmail.com

** Doutora em Linguística. Professora do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Email: anacarla.vogelely@gmail.com

não é totalmente sua culpa, pois, como já foi dito, este era o padrão canônico no processo de alfabetização que foi sujeito a mudança, há pouco tempo, com as configurações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que constituíram um referencial de qualidade para a educação no Ensino Básico em todo país.

Uma área de estudos que dá suporte ao professor na compreensão destes aspectos é a Sociolinguística, ciência que estuda a linguagem sem abstraí-la do contexto social em que está sendo utilizada e que encara a diversidade linguística como constituinte do próprio fenômeno linguístico. Questiona-se, então, se os professores do ensino infantil e fundamental possuem o conhecimento necessário dessa área para lidar com o “erro” e a variação e, principalmente, para diferenciá-los.

Segundo Bortoni-Ricardo (2006), o que, muitas vezes, a sociedade estabelece como erro na fala das pessoas, a Sociolinguística considera apenas uma questão de inadequação da forma utilizada às expectativas do ouvinte. Este ouvinte enxerga essa inadequação como uma transgressão das regras gramaticais da estrutura da língua portuguesa, o que, para a Sociolinguística, é visto como uma (in)adequação de certas formas a certos usos.

Contudo, quando este erro ocorre na língua escrita representa uma transgressão de um código convencionado e prescrito pela ortografia, que se concretiza como um sistema que não prevê variações. (BORTONI-RICARDO, 2006)

A variação linguística é considerada um componente da identidade de cada indivíduo, pois expressa traços sociais e culturais adquiridos em sua comunidade de fala durante toda vida. Em paralelo, a escola se consagra como o ambiente mais importante para o enriquecimento e desenvolvimento das habilidades linguísticas, inicialmente no plano da oralidade e, mais tarde, no plano da leitura e escrita. Então, de acordo com Vogeley e Hora (2008), é necessário o desenvolvimento de um suporte teórico-metodológico adequado à realidade do país, em termos lingüísticos e educacionais, contribuindo para uma pedagogia sociolingüisticamente sensível.

Um recurso que pode auxiliar o professor no contexto apresentado é a inserção do fonoaudiólogo na escola. Este profissional lida com a aquisição e desenvolvimento da linguagem e com as alterações que podem acometer esse sistema e meio para a comunicação. A atuação do fonoaudiólogo na escola consiste

em ações de promoção de saúde e assessoria/consultoria, visando aperfeiçoar o processo de aprendizagem dos discentes e propiciar um desenvolvimento das potencialidades linguístico-cognitivas dos alunos, mesmo que esses não apresentem qualquer distúrbio, e auxiliar na criação de melhores estratégias de ensino para que o professor melhore sua atuação em sala de aula.

Então, cercados pelas falas dos alunos - repletas de variações que traduzem a identidade, o papel social de cada sujeito - e pelas escritas - que devem seguir um padrão prescrito, uma uniformidade, desviada quando as condições e estratégias de ensino e a aprendizagem dos discentes são precárias -, encontra-se o professor de língua materna que deve estar preparado para lidar com essas questões e não pode generalizar os conceitos de “erro” para todas as produções desviadas dos alunos, tendo que saber diferenciar as variações linguísticas dos erros gramaticais das produções advindas de alterações de linguagem, cognição, de aprendizagem, entre outros.

É comum, portanto, que não seja valorizada ou mesmo respeitada a diversidade da língua portuguesa; cada tribo, cada comunidade tem seu modo e estilo próprio de falar, que são influenciados pelo contexto cultural e social em que vivem. Essas diferenças são empregadas na fala e na escrita dos alunos o tempo todo, e será que os professores sabem lidar com essas questões de ordem sociolinguística? Essa é a questão crucial que norteia nossas discussões.

Nesse sentido, o presente estudo tem o intuito de analisar algumas concepções e as atitudes dos professores diante dos “erros” na fala e na escrita dos alunos, em sala de aula, bem como de questionar a possibilidade da parceria entre o fonoaudiólogo educacional e a equipe escolar, o que inclui o professor.

MÉTODOS

Foi realizado um estudo com 54 professores, com idades entre 24 a 63 anos, da rede municipal de ensino do município de Juripiranga, no interior da Paraíba. Os participantes lecionam da educação infantil à educação fundamental. A pesquisa teve como critério de inclusão, o professor lecionar em alguma das séries citadas em escolas da rede pública desse município.

De caráter descritivo, observacional e transversal, a pesquisa se propôs a descrever as informações dadas pelos professores sobre seu conhecimento e suas atitudes diante dos “erros” dos alunos em sala de aula.

Inicialmente, o projeto foi aprovado pela Secretaria de Educação de Juripiranga. Posteriormente, o mesmo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário Lauro Wanderley sob o parecer de nº 814/10. Com a aprovação deste, a coleta dos dados foi iniciada.

Durante a semana de planejamento pedagógico do município, os professores foram convidados a participar da pesquisa, 54 deles aceitaram e foi fornecida uma explicação verbal e por escrito sobre esta, finalizando com a solicitação de leitura e assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, foi solicitado aos docentes que respondessem um questionário contendo questões que abordaram o conhecimento sobre sociolinguística, questões de auto-percepção sobre a fala e escrita dos alunos, e sobre sua formação.

RESULTADOS

Dos 54 participantes, 11 (20%) não possuíam ensino superior e 43 (80%) possuíam. Na figura 1, estão listados os cursos de formação destes 80% e foi acrescentado o Magistério, com 10 docentes.

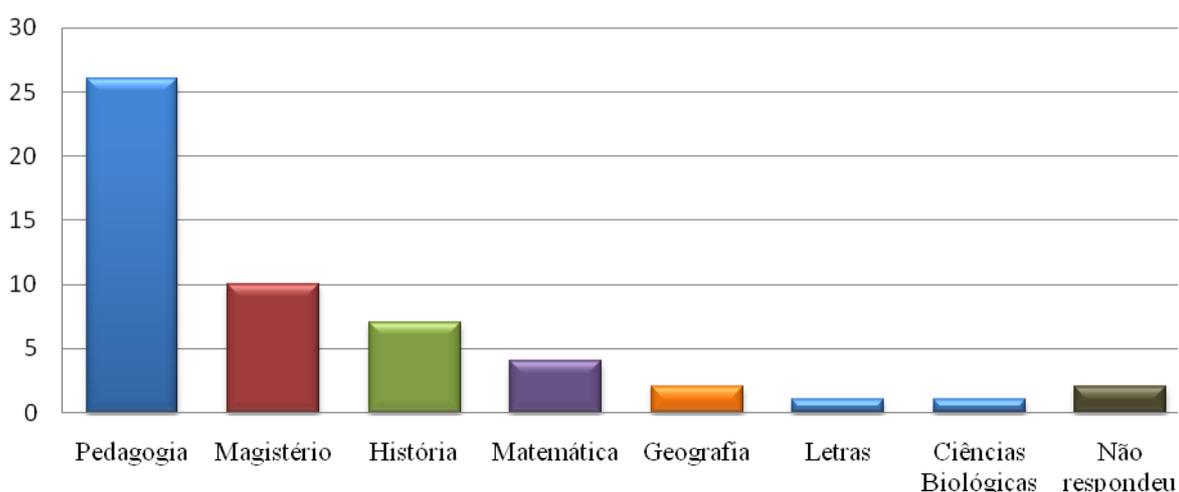


Figura 1 – Relação dos cursos de graduação dos docentes, e magistério.

Questionou-se, ainda, se os pesquisados sabiam o que era Sociolinguística. Responderam que sabiam 30 professores (56%) e, 24 (44%) marcaram que desconheciam. Na figura 2 são expostos os meios em que os educadores apontaram ter aprendido sobre Sociolinguística. Alguns professores deram mais de uma resposta, explicando o fato da quantidade destas ser maior do que o número dos participantes que afirmaram que conheciam o tema abordado.

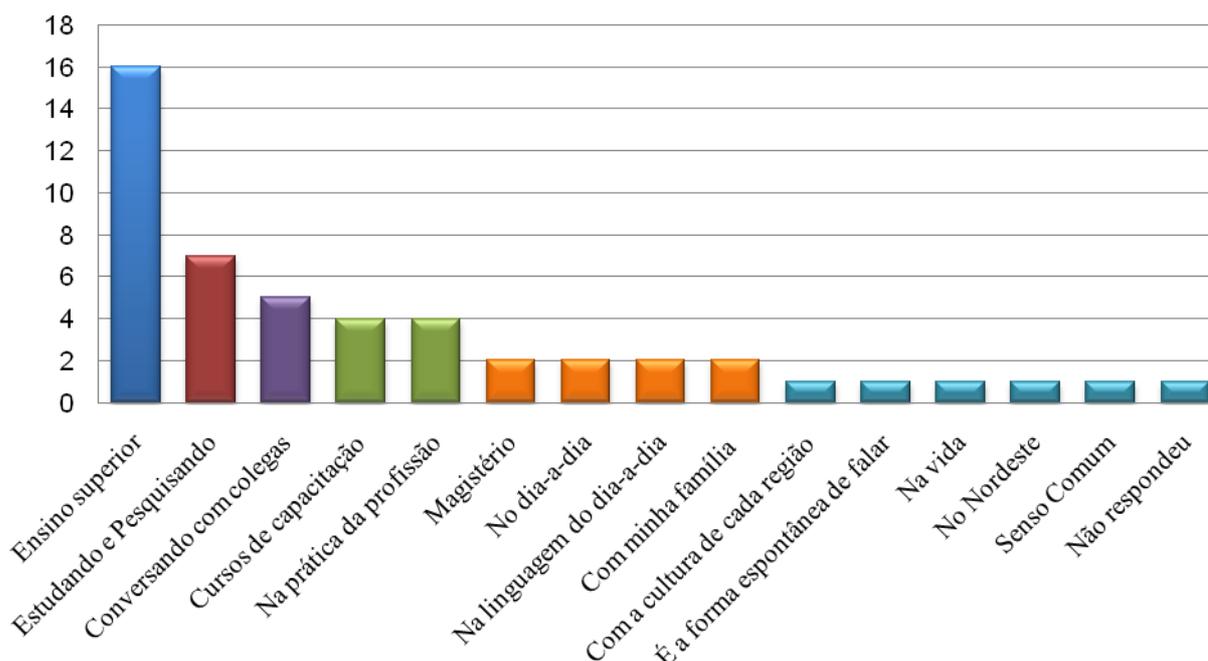


Figura 2 – Meio em que os professores aprenderam sobre Sociolinguística

Em seguida, perguntamos se os pesquisados consideravam erro qualquer produção do aluno diferente da gramática normativa, 31% dos professores (n=17) consideram erro essas produções não convencionais e 69% (n=37) não o consideram. A partir disso, questionou-se a frequência de “erros” na fala e na escrita dos alunos, as respostas mostradas na tabela 1:

Tabela 1 – Frequência dos "erros" na fala e na escrita dos alunos

Frequência dos “erros”	Na fala dos alunos		Na escrita dos alunos	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Pouco	3	6%	2	4%

Às Vezes	12	22%	13	24%
Frequentemente	39	72%	39	72%
Total	54	100%	54	100%

Os professores também relataram que se incomodavam com esses erros na fala e na escrita dos alunos. Todos responderam que, de certa forma, há esse incômodo. Quanto ao grau deste, se seria pouco, moderado ou muito, expomos na tabela 2:

Tabela 2 – Incômodo dos professores pela fala e escrita dos alunos

Incômodo	“Erros” na fala dos alunos		“Erros” na escrita dos alunos	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Pouco	8	15%	6	11%
Moderado	44	81%	47	87%
Muito	2	4%	1	2%
Total	54	100%	54	100%

Considerando a menção de uma grande frequência do “erro” e de que todos os docentes se incomodavam com esse, tanto na fala como na escrita, questionamos se os profissionais tentam corrigir estas produções, tanto os da modalidade oral quanto os da escrita: 93% (50 pesquisados) afirmaram que tentam corrigir e 7% (quatro professores) disseram que não tentam. Aos que corrigem, perguntamos se os resultados de suas ações eram positivos, se os alunos eram permeáveis as suas correções: 38 educadores disseram que sim, 10 mencionaram que às vezes as correções eram efetivas e dois disseram que essas não eram efetivas.

Por fim, perguntamos se o fonoaudiólogo poderia ser inserido no contexto apresentado, de ensino de Língua Materna: 43 (80%) professores afirmaram que o profissional poderia ser inserido neste contexto, e 11 (20%) discordaram.

DISCUSSÕES

Foi observada uma diversidade de cursos na formação dos professores da educação básica do município pesquisado. O que é preocupante, nesta constatação, é que muitos licenciados podem sair das universidades sem ter recebido informações sobre Sociolinguística e sobre as alterações de linguagem e de aprendizagem que podem acometer os alunos, que podem ser uma realidade nas salas de aula.

Parte disso é comprovada pelo segundo questionamento do estudo - sobre o conhecimento sobre Sociolinguística - que, apesar da maioria afirmar que conhecia essa área, quando perguntamos de que modo eles aprenderam esse conhecimento obtivemos respostas como: no dia-a-dia, com a família, na cultura de cada região, no Nordeste, entre alguns outros. Então, será possível adquirir conhecimento sobre essa área, principalmente o necessário para aplicar esses conceitos às práticas pedagógicas, por alguns dos meios apontados pelos professores? Alguns participantes se sentiram envergonhados por não saber o que significava o tema abordado e acabaram colocando que o conheciam para mascarar esse sentimento, e um ponto que pode tê-los ajudado foi a etimologia da palavra, associando o termo Sociolinguística à Linguagem do meio social.

Mollica (2009) aponta que a Sociolinguística oferece contribuições relevantes para a formação do educador porque há traços sociolinguísticos na leitura e na escrita dos educandos que são motivados pelas necessidades e dificuldades observadas no processo de escrita, gêneros e estilos formais e, o mesmo, não pode dispensar o conhecimento acerca dos princípios da heterogeneidade constituintes das línguas, que lhe permite admitir a variação e a mudança das produções dos alunos, respeitando-as como legítimas. Da mesma forma, a área oferece subsídios, quer no nível da formação do professor, quer na prática do profissional em educação, quer no processo de apropriação de estruturas standard tanto na fala como na escrita.

É perceptível que as produções na oralidade e na escrita desviadas do modelo normativo ocorrem com bastante frequência no contexto educacional e já se pode considerar um avanço os professores não as considerarem sempre como “erro” gramatical. Isso quer dizer que eles podem estar atentos às variações

linguísticas e à possibilidade de existir algum déficit de linguagem e/ou de aprendizagem.

Esperava-se o contrário porque às escolas, cabe a responsabilidade de transmitir a língua culta, por isso que, tradicionalmente, qualquer desvio desse padrão passa a ser considerado “erro” e há uma determinação de que os alunos alcancem certo grau de domínio da leitura e da escrita (CECÍLIO e MATOS, 2006). Mas, as crianças estão inseridas em um contexto sociocultural dinâmico e são estimuladas por sua comunidade de fala diariamente, esta podendo possuir particularidades que não podem deixar de ser percebidas pelos profissionais da educação. Por isso, de acordo com Mollica (2009), o educador deve conhecer tais fenômenos, saber que não são aleatórios ou meros deslizos, mas se introduzem na escrita nos mesmos contextos em que são empregados na fala. Com esta percepção, torna-se mais acessível ao professor o planejamento e uso de estratégias ricas em embasamento teórico e que se enquadram as práticas sociais permeadas pela linguagem oral e escrita dos estudantes.

É importante, por isso, que o professor saiba diferenciar os teores das produções não convencionais dos alunos porque o modo como eles lidarão com essas variará de acordo com as especificidades de cada uma. Um aspecto que pode ajudar os educadores nessa situação é a participação de uma equipe multidisciplinar nesse processo de ensino, com a participação de um fonoaudiólogo educacional, por exemplo. Se os diversos profissionais que atuam na escola agirem interdisciplinarmente visando uma educação otimizada, todo o processo de aprendizagem será reconstruído em um formato metodologicamente adequado.

Verificamos que os “erros” na fala e na escrita geram um incômodo significativo nos professores. E, a partir disso, a maioria dos profissionais decide corrigir essas produções utilizando vários métodos que diferenciem a forma produzida da forma esperada, considerada “normal”. Então, verifica-se uma situação de mal-estar em sala de aula, uma vez que o professor sabe – ou pelo menos ouviu dizer – que não deve mais se limitar à transmissão da gramática normativa, mas não se sente seguro para substituir essa prática (BAGNO e RANGEL, 2005).

Esse choque de ideologias é inevitável, mas isso não pode criar barreiras entre as estratégias utilizadas pelos professores e a aprendizagem dos alunos. É

importante que haja uma interação entre docente-discente para que juntos possam se desenvolver academicamente, trocar experiências e coconstruir o conhecimento linguístico. E, para isso, são necessárias metodologias de ensino de língua materna sociolinguisticamente sensíveis para que o professor reconheça e legitime a diversidade linguística em sala de aula e possa utilizá-las para, segundo Garrão Neto (2009), servir à comunicação e não como instrumento de dominação e de imposição de valores. E para ajudar os alunos a se apropriarem do sistema de regras do funcionamento da língua e não um conjunto normatizado de regras para o uso da língua.

Se o educador continua utilizando a reprodução do conteúdo da gramática normativa em sala de aula, nenhum aluno conseguirá relacionar o que produz com o que é apresentado a ele como sendo nossa língua, logo ele pensará que português é muito difícil. Sendo assim, devemos assumir que o problema certamente está no modo como o ensino do português é moldado aos recursos tradicionais utilizados em sala e naquilo que é ensinado sob o rótulo de língua portuguesa. (SILVA et. al., 2009)

Propomos que o professor não repasse as aulas de Sociolinguística, aprendidas na sua formação, aos estudantes, mas as utilize como alicerce de um ensino renovador que priorizará uma melhor apropriação da língua portuguesa pelos alunos, tornando-os melhores comunicadores. Contudo, a gramática normativa continuará a ter seu destaque nas aulas de língua materna, já que esta se concretizou como um eficiente instrumento de unificação e normatização do padrão formal escrito, porém seu ensino precisará ser modalizado e revitalizado, com base nas particularidades de cada discente, principalmente as de cunho sociocultural. (GARRÃO NETO, 2009)

Nesse sentido, vemos que a maioria dos pesquisados acredita que o fonoaudiólogo deve participar do processo de ensino da Língua Materna. Essa visão é acertada porque com uma atuação interdisciplinar entre o professor e o fonoaudiólogo, torna-se possível a elaboração de estratégias de incentivo das habilidades comunicativas dos alunos e a identificação daqueles que necessitarão de uma atenção especial dos profissionais. Além disso, é fundamental que, na formação de docentes, sejam abordados tópicos da Fonoaudiologia, visando

preparar, cada vez mais, o educador para as adversidades que estes encontrarão no exercício da profissão, principalmente, para lidar com as alterações, com dificuldades de cunho fonoaudiológico que possam interferir no processo de aprendizagem da língua portuguesa.

O fonoaudiólogo educacional, a partir de objetivos pedagógicos, atua no desenvolvimento ações que favorecem e otimizam o processo de ensino e aprendizagem por meio de assessoria, orientações, triagens, programas específicos e ações em parceria com os educadores. Este profissional, ao lado do professor, aluno e pais, pode oferecer apoio no desenvolvimento de fluência e interação verbal, de linguagem e de ensino da língua portuguesa com trabalhos na alfabetização e letramento, oralidade, leitura e produção de textos escritos. Então, acredita-se que quanto maior a relação entre esses agentes, mais intensificadas serão as práticas de ensino de Língua Materna, e melhores serão os resultados apresentados pelos alunos (CONSELHO REGIONAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, os professores têm alguma noção sobre Sociolinguística, mas suas práticas pedagógicas ainda possuem certo cunho tradicional. O incômodo pela fala e escrita “erradas” é uma atitude esperada, não só pelos docentes, mais por todas as pessoas que não estão inseridas na comunidade desses falantes. Então, espera-se que os educadores conheçam as comunidades de fala, representadas pelos alunos, não só para saber das variantes presentes nas modalidades oral e escrita, como também para enxergar possibilidades de trabalhos que mobilizem todo o grupo a uma inclusão efetiva na educação.

É necessário, portanto, o desenvolvimento de estratégias de ensino sociolinguisticamente educativas que viabilizem um aprendizado da língua portuguesa, não se esquecendo do respeito à identidade linguística de cada um. A Sociolinguística voltada para a educação pode contribuir de forma significativa para melhorar a qualidade do ensino da língua materna na educação infantil e fundamental.

Nesse sentido, a partir de toda a diversidade linguística nas escolas, os professores devem estar atentos e saber diferenciar o erro gramatical das variações linguísticas e das produções alteradas que podem ser oriundas de distúrbios de linguagem, distúrbios de aprendizagem, comprometimentos fonoarticulatórios, entre outros.

Acreditamos que quanto mais engajada estiver a equipe multidisciplinar envolvida neste processo, maiores serão os benefícios para os alunos. Por isso, destacamos que é fundamental que o fonoaudiólogo seja inserido nas escolas porque este auxiliaria os professores na diferenciação do “erro” gramatical x variação linguística x déficits de linguagem, na criação de contextos favoráveis para o aprendizado de todos os alunos, na caracterização da comunidade de fala em que a criança está inserida e na difusão de seu conhecimento sobre saúde e educação na comunidade escolar.

Além disso, esses profissionais podem auxiliar os professores na criação e promoção de programas que visem potencializar as habilidades linguísticas dos estudantes, principalmente, aquelas relacionadas à comunicação oral e aprendizado da leitura e escrita, no desenvolvimento de programas de capacitação do professor e na criação de metodologias de ensino que tornem à aprendizagem da língua portuguesa otimizada e prazerosa aos alunos.

ABSTRACT

The students' productions, both in oral mode, as in the written form, may be different from the pattern or default form, taught in the classroom, whether by interference of linguistic variations, pedagogical difficulties or disorders. This study investigated the frequency of "errors" in speech and writing of students and how the teachers deal with these errors. Even, this study questions if the teaching methodologies are appropriately sensitive to the sociolinguistic aspects and if the speech therapist is effectively inserted in the educational context, designed to further improve communication in both modes, enhancing students language skills and equipping and advising the school team, which includes the teacher.

Keywords: Errors; Teachers; Teaching methodologies.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M.; RANGEL, E.O. Tarefas da educação lingüística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, E.M.; COELHO, I.L. **Sociolinguística e Ensino**: Contribuições para a formação do professor de língua. Santa Catarina, Editora da UFSC, 2006.

CECILIO, S.R.; MATOS, C.M. A. Revisitando o livro didático: a variação lingüística e o ensino língua. **Entretextos**, Londrina, n. 6, p. 39-43, jan/dez, 2006.

CONSELHO REGIONAL DE FONOAUDIOLOGIA – CRFa. 2ª Região. **Fonoaudiologia na Educação**: Políticas Públicas e atuação do Fonoaudiólogo, 2010.

GARRÃO NETO, E.. A Sociolinguística. In: MOLLICA, M. C. **Linguagem para a formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia**. São Paulo, Editora Contexto, 2009.

MOLLICA, M. C. A formação em linguagem. In: _____. **Linguagem para a formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia**. São Paulo, Editora Contexto, 2009.

SILVA, I. M.; MARTINS, M.; SOARES, V. R. Tendências pedagógicas tradicionais. In: MOLLICA, M. C. **Linguagem para a formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia**. São Paulo, Editora Contexto, 2009.

VOGELEY, Ana Carla Estellita; HORA, Dermeval. Variação lingüística, desvio fonológico e ingresso escolar. In: XV Congreso Internacional de la ALFAL, 2008, Montevideo. **Livro de Resúmenes - XV Congreso Internacional de la ALFAL**. Montevideo: Gega s.r.l., 2008.

*Recebido em agosto de 2012.

*Aprovado em agosto de 2012.